

Acidentes de Percurso

A nação está aflita de olhos postos no Congresso. No momento mais delicado e decisivo da revisão constitucional e da aprovação de medidas indispensáveis à estabilização da economia, percebe seus representantes perdidos num clima de esmorecimento e marasmo. Consternada, a cidadania assiste à subordinação dos mais altos interesses do Brasil ao espírito corporativo, a preconceitos ideológicos e interesses eleitoreiros.

Em vez de decisões, constata obstrução sistêmica, absentismo, descaso e imobilismo. Faltam lideranças, articulação, desejo político para debelar definitivamente a inflação. A revisão é retardada em nome da implementação do plano, este é boicotado para não fortalecer politicamente o ministro da Fazenda. De um lado, a oposição sistemática dos *contras*, do outro a insensibilidade dos que aumentam impostos para assalariados e excluem as empresas do sacrifício.

Perfil típico do congressista de hoje é o do senador Humberto Lucena, que deveria estar presidindo o processo revisor, mas prefere pensar em seu distante burgo e em reescrever seu sofrível currículo de empreguista. A maioria é assim: adora criar despesas e abomina impor sacrifícios. Houve um tempo em que se saía da vida para entrar na história. Hoje, a preferência é pela demissão da história para saborear a vida.

Desde os anos Ribamar Sarney, o PMDB habituou-se a ser governista com retórica de oposição. Do estelionato eleitoral de 86 para cá, foi

trocando gradualmente o figurino concebido na luta contra a ditadura pelo modelito confeccionado com os retalhos do *centrão*. Juntamente com o PSDB — sua dissidência “ética” — forma agora um bloco majoritário pouco confiável, com indioscrasias regionais e baixo teor partidário. Ficam uns em cima, outros atrás do muro. Só não abrem mão do muro. Em contraste, o PFL e o PPR pelo menos têm um desenho claro de um novo Brasil.

A impaciência dos eleitores só pode ser semelhante à do governador Ciro Gomes, do Ceará, que na linguagem desabrida dos recém-chegados do exterior sustenta que o Congresso “apodreceu porque perdeu completamente a noção da sua responsabilidade”. Ficamos sem saber se a inconsciência dos correligionários de Fernando Henrique Cardoso, que se abstiveram de votar as MPs 404 e 407, se explica pela pífia articulação governista ou pela inapetência em trabalhar nas quintas-feiras. É uma dúvida constrangedora: foi incompetência ou negligência?

É possível admitir que tais episódios foram simples acidentes de percurso. Existem precedentes que autorizam a interpretação de que avanços políticos são muitas vezes sucedidos por retrocessos lamentáveis. Em face dessa atuação espasmódica, errática, convém confiar na capacidade de autocorreção do Legislativo. Não é possível que a Casa que promoveu uma corajosa e inédita devassa em seus próprios integrantes preste-se a convalidar a ingovernabilidade de olho nas eleições.

Acidentes de Percurso

A nação está aflita de olhos postos no Congresso. No momento mais delicado e decisivo da revisão constitucional e da aprovação de medidas indispensáveis à estabilização da economia, percebe seus representantes perdidos num clima de esmorecimento e marasmo. Consternada, a cidadania assiste à subordinação dos mais altos interesses do Brasil ao espírito corporativo, a preconceitos ideológicos e interesses eleitoreiros.

Em vez de decisões, constata obstrução sistêmica, absenteísmo, descaso e imobilismo. Faltam lideranças, articulação, desejo político para debelar definitivamente a inflação. A revisão é retardada em nome da implementação do plano, este é boicotado para não fortalecer politicamente o ministro da Fazenda. De um lado, a oposição sistemática dos *contras*, do outro a insensibilidade dos que aumentam impostos para assalariados e excluem as empresas do sacrifício.

Perfil típico do congressista de hoje é o do senador Humberto Lucena, que deveria estar presidindo o processo revisor, mas prefere pensar em seu distante burgo e em reescrever seu sofrível currículo de empreguista. A maioria é assim: adora criar despesas e abomina impor sacrifícios. Houve um tempo em que se saía da vida para entrar na história. Hoje, a preferência é pela demissão da história para saborear a vida.

Desde os anos Ribamar Sarney, o PMDB habituou-se a ser governista com retórica de oposição. Do estelionato eleitoral de 86 para cá, foi

trocando gradualmente o figurino concebido na luta contra a ditadura pelo modelito confeccionado com os retalhos do *centrão*. Juntamente com o PSDB — sua dissidência “ética” — forma agora um bloco majoritário pouco confiável, com indioscirasias regionais e baixo teor partidário. Ficam uns em cima, outros atrás do muro. Só não abrem mão do muro. Em contraste, o PFL e o PPR pelo menos têm um desenho claro de um novo Brasil.

A impaciência dos eleitores só pode ser semelhante à do governador Ciro Gomes, do Ceará, que na linguagem desabrida dos recém-chegados do exterior sustenta que o Congresso “apodreceu porque perdeu completamente a noção da sua responsabilidade”. Ficamos sem saber se a inconsciência dos correligionários de Fernando Henrique Cardoso, que se abstiveram de votar as MPs 404 e 407, se explica pela pífia articulação governista ou pela inapetência em trabalhar nas quintas-feiras. É uma dúvida constrangedora: foi incompetência ou negligência?

É possível admitir que tais episódios foram simples acidentes de percurso. Existem precedentes que autorizam a interpretação de que avanços políticos são muitas vezes sucedidos por retrocessos lamentáveis. Em face dessa atuação espasmódica, errática, convém confiar na capacidade de autocorreção do Legislativo. Não é possível que a Casa que promoveu uma corajosa e inédita devassa em seus próprios integrantes preste-se a convalidar a ingovernabilidade de olho nas eleições.